

Editorial

NATACHA ANTÃO
SÍLVIA SIMÕES
VÍTOR SILVA

#4

Não há caminho, faz-se o caminho ao andar.

António Machado

Há dezoito anos, em Março de 2002, a revista PSIAX dava os seus primeiros passos com a publicação, do seu número inaugural. Seguiram-se 10 números ao longo destes últimos anos, de acordo com uma sequência, embora irregular e errática, sempre estimulada e decidida pelo ambiente de investigação científica e académica, pelo âmbito da pedagogia e ensino, pelo contexto das diferentes práticas e projectos artísticos em Desenho, e também, consequentemente, pelo estudo sobre as suas diversas formas e conteúdos, sobre a função e a finalidade das suas imagens.

Assinala-se este breve excurso não apenas para reconsiderar, no essencial, o que no panorama nacional caracteriza e distingue a duração temporal da revista PSIAX, mas agora, sobretudo, para a relançar no quadro mais criterioso e, talvez, cerimonioso, de uma vida nova, a das publicações com arbitragem científica. Este é um passo importante para o reconhecimento dos estudos e dos projectos em Desenho, desenvolvidos ou em *progresso*, no âmbito da investigação artística e universitária.

A etiqueta académica e os protocolos epistemológicos oriundos das Ciências vêm, há já algum tempo, a atrair os *furores* das actividades artísticas – justamente, laboriosas e operosas –, um domínio que, não correspondendo exactamente à exigência de demonstração, mostra tão só, pura e simplesmente, a *imaginação operante*, ou melhor, o *trabalho* das imagens. Em contrapartida, é quase certo que os estudos e os projectos na área de Desenho veem nos requisitos da investigação científica um universo de encontros e transversalidades fundamentais para o exercício da reflexão, da exigência crítica e da intenção teórica na qual se geram também os seus gestos, os seus propósitos, bem como a profundidade das suas acções e conceptualidade.

Em outras épocas mais remotas, suscitava-se somente o génio criativo, e isto bastava para explicar a surpresa e/ou a emoção primordial das práticas artísticas, mas hoje, perante os imperativos do conhecimento, do *presentismo* das imagens e dos meios técnicos de difusão e criação, que avassalam a disponibilidade para perceber e a possibilidade da inventiva, mostrar o que se faz em desenho implica necessariamente confrontar outras vertentes, outros campos de saber e não-saber, indagar o que se pensa e imagina: o que se faz em imagens e através das imagens.

Neste campo de problematização, que envolve a dimensão histórica e crítica, mas também a experiência visual e as práticas do presente, torna-se muito importante delinear o sentido de um campo disciplinar aberto. Ainda assim, apesar da indisciplina que lhe é manifestamente intrínseca, enquanto independência e exigência de fazer e imaginar, a avaliação das práticas de estudo e de investigação na área de desenho permite configurar um plano de consistência a que se reporta a diversidade das suas expressões e conteúdos. Desde o simples gesto sobre o papel até ao projecto expositivo e performativo, através do qual se confronta o espectador e o espaço público, o “andar” da linha mobiliza a corporalidade e, conjugadamente, a consciência crítica e participativa dos seus traços e das suas motivações, quer estéticas quer éticas e políticas. A singularidade do desenho reside pois na inter-relação das motivações que dinamiza, *fazendo-se* o seu caminho ao andar, no decorrer do percurso que realiza, das imagens e das reflexões que descobre, dos problemas que enfrenta, sempre por meio da natureza vital e comum dos seus traços, linhas, manchas, representações, figuras e imagens.

Como o andar e o desenhar se cruzam [How walking and drawing intersect] constitui o enunciado simples de uma série de questões colocadas ao fazer e ao pensar daqueles que, porque desenham e pensam o desenho, se vêem directamente implicados na natureza heurística, aberta, especulativa e investigativa do desenho. As questões que foram lançadas para integrar a presente edição da revista consentiam, enquanto propostas de estudo e de projecto artístico, distintas aproximações: a experiência de viagem, o caminhar, a breve pausa ou o deambular, a atitude analítica ou o registo livre, ou ainda a acção projectiva, o gesto poético e a expressão performativa. Por se tratar de mostrar e de pensar, simultaneamente, a prática de caminhar e os gestos de desenhar, o âmbito aberto das respostas originou inúmeras e diferentes contribuições entre as quais se seleccionaram os projectos e os artigos que ora se apresentam.

Com particular destaque, divulgam-se, pela primeira vez, diferentes projectos artísticos com os quais se entende evidenciar a autonomia criativa que cada um dos mesmos exibem, enquanto reflexo de processos próprios de investigação, de invenção e de exposição. Os projectos gráficos que se apresentam são assim declarações do exercício livre e

experimental dos seus autores, através do qual se realiza o *pensar em acto* do desenho, ou seja, se revela, decide e proclama a relação do real que o gesto de desenhar constitui, como uma reivindicação que é intrínseca ao seu próprio acto e que é manifestamente plural, aberta e divergente, quer nos seus princípios quer nos seus resultados.

Destacam-se assim, neste número da revista, seis projectos artísticos.

O projecto AllhiheyAll, é um projecto colectivo e participativo de Vários Artistas, onde o desenhar e o caminhar, como acções que podem ser feitas por todos, se assumem enquanto processos livres, autónomos e inconscientes, nos quais intervém a invenção de dispositivos, de mecanismos e expressões “cooperantes”. Da condição do “desenho preparado” até aos efeitos de surpresa e imprevisibilidade, os desenhos são *provas de contacto*, índices que revelam as acções e reacções dos próprios materiais induzidos pelos movimentos dos corpos.

De José Miguel Cardoso, apresenta-se a sequência de quatro projectos associados a *maneiras de ver e fazer ver* enquanto processos de interacção entre lugares, ambientes, condições práticas e desejo do desenhador. Cada roteiro evidencia resultados decorrentes da vivência e de propósitos específicos a partir dos quais se pretende desvelar o mapeamento de ambiências espaciais e sensoriais.

No projecto de Metod Bledjec, as séries desenvolvidas com a designação *Perímetro*, traduzem o mapeamento de caminhadas ao longo de várias dias em diversas cidades: Tóquio, Londres, Singapura e Liubliana. Os traçados definidos pelos trajectos de deriva, e sem destino definido, constituem o registo visual de uma contrastante geografia pessoal. Ora isolados ora combinados, os traçados configuram uma tessitura de quadros ou uma rede de sobreposições, como se fossem diagramas de uma paisagem mental.

Em Michael Croft, as imagens documentam, em 16 momentos, a memória dos passeios com o seu cão, Fasi. A interconexão existente entre diferentes meios de registo - a fotografia, o vídeo, o desenho - e, ainda, entre distintos tempos, conferem a este trabalho o sentido de um memorial, onde a fala e a escrita, a imagem e o desenho, a rememoração e o gesto participam intimamente.

Finalmente, no projecto de Stefaan van Biesen, o desenho surge como o mapeamento singular de viagens e caminhadas realizadas em diferentes países europeus. A expressão e a emotividade vivida no encontro com diferentes culturas e territórios reflectem-se na natureza dialogante dos desenhos, combinando ao mesmo tempo reconfigurações de momentos e memórias.

No âmbito dos artigos assinala-se a abertura e a diversidade de abordagens relativamente ao tema proposto: sucedem-se assim descrições excêntricas que dizem respeito à logística e à preparação da viagem, bem como análises e reflexões teóricas que, ao

invés, partem do âmago da experiência performativa. Em alguns casos, privilegia-se a transposição e a metáfora noutros descreve-se uma incursão pedagógica ao longo da pesquisa de um território.

Alicia Medeiros apresenta uma reflexão original sobre as práticas do desenho no espaço público, ao experimentar e ao conectar múltiplos problemas da vivência dos espaços e dos lugares, onde se cruza não só a evidência dos movimentos dos corpos, mas a incorporação de meios e tecnologias de localização e, sobretudo, a natureza operante dos seus actores, entre os quais se sublinha a diferença e a identidade de género. Descreve-se assim um projecto artístico onde o caminhar e a consciência social e política dos corpos se vêem directamente envolvidos e implicados, e ainda decididos a resistir por intermédio da intervenção cívica e artística.

No artigo Cláudia Amandi e Paulo Freire de Almeida, apreende-se a expressão visual gráfica e plástica do Mapa como imagem capaz de suscitar múltiplas analogias entre o caminhar, o andar e o desenhar, para por fim se transformar na “parede de trabalho” do artista, dispositivo de associação e de estímulo criativo. *Deriva, perseguição/fuga e visita* constituem modos operativos do olhar constante e relacional que os próprios circuitos diante da disparidade visual suscitam, e a partir da qual se desdobra, entre a parede e a mesa de trabalho, o mapeamento do pensar e do fazer o desenho.

Perseguindo a dupla perspectiva do desenhador que caminha e do investigador que observa os seus respectivos resultados, Fábio Araújo e Paulo Luís Almeida propõem-nos mostrar como o desenho se constitui, num mesmo movimento, estratégia de acção corporal e de invenção. *Ações de Praga* é um projecto performativo que visa instigar e estimular a narrativa que o andar e as acções do caminhante geram. O desenho e os gestos tornam evidentes essas subtis correspondências e cruzamentos que existem entre o caminhar e a própria projecção ou mobilização do corpo. As imagens, tal como os desenhos, procuram assim não só documentar como instruir e reinventar as interacções sensíveis e dinâmicas a que se submete o movimento do próprio projecto.

A logística que envolve os materiais, os suportes e os dispositivos do desenho, enquanto parte integrante da actividade do desenhador, é descrita e analisada por Pedro Maia. No seu relato de viagem, destaca a importância da parafernália técnica e instrumental, necessária e adequada às condições do viajante, bem com o surgimento dos acasos e das condições extrínsecas e circunstanciais – obstáculos, constrangimentos, surpresas –, que envolvem e igualmente implicam a vivência local de observação e de registo. Da combinação de pressupostos e imprevistos, de princípios e de condições inesperadas, advém, inevitavelmente, a reflexão do desenhador, que nos seus desenhos vem incorporar o resultado dos seus processos e percursos.

No contexto pedagógico e de ensino, o percurso que leva os estudantes da cidade até à periferia

permite desafiar uma experiência de orientação, de enunciados e exercícios, sobre os efeitos de proximidade, de distância e de distintas escalas perceptivas que envolvem o desejo de ver, de sentir, de representar e de conhecer o espaço. Susana Mendes da Silva e Paula Simões desenvolvem estes tópicos, assinalando a capacidade de síntese e comunicação do desenho e a importante função interpretativa que ele permite articular. Com o intuito de desenhar o espaço urbano, os seus percursos, e a paisagem, o carácter itinerante e comum do passeio predispõe-se ao despertar de novas conexões cognitivas e sensoriais que, conseqüentemente, só podem coexistir na convivência com a acção de desenhar.

A artista Rosie Montford apresenta a sua experiência que explora a partir da sua viagem à Grécia. Começando na Península Pelion até Meteora, para percorrer as rotas dos velhos monges, realiza vários desenhos onde caminhar é mostrado como uma maneira de se localizar na paisagem. Nesse caminhar realiza um desenho colaborativo “Procurando ecos do corpo na paisagem” compartilhado com os participantes Made of Walking 2019.

O desenho que Daniel Silvestre imaginou, e gentilmente ofereceu para ilustrar a capa da revista, mostra-nos, com humor, por entre os trilhos e atalhos de uma paisagem outonal, a natureza peripatética do caminhante, o qual, só ou acompanhado, imerso no vaguear do passeio ou na deriva dos rumos, vai explorando como um funâmbulo as muitas reviravoltas do caminhar. Aqui fica o nosso agradecimento pela sua colaboração.

Os editores agradecem também a todos quantos contribuíram com a submissão das suas propostas à nossa chamada de Janeiro de 2020. Um bem-haja, muito em especial, a Artur Ramos, Carlos Corais, Jorge Marques, José Maria Lopes, Luísa Arruda, Philip Cabau e Teresa Pais, pela generosa colaboração na avaliação dos artigos.

Uma nota final: nesta edição, optou-se pela publicação dos textos na língua original em que foram escritos; inglês, português do Brasil e de Portugal, bem como em seguir o acordo ortográfico, ou de sacordo, adoptado por cada um dos seus autores.